

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o s e s p

**Temporada 2026**

Revista

**Uirapuru**

19 de abril

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 11



**19 de abril**  
**domingo**

18h

**Estação**  
**Motiva**  
**Cultural**

**Coro da Osesp**  
**Thomas Blunt** regente

JEAN BERGER  
1909–2002

*Salmo brasileiro* [Texto de Jorge de Lima]  
1941  
6 minutos

DENISE  
GARCIA  
1955

*Dos salmos*  
1999  
8 minutos

FELIX  
MENDELSSOHN-  
BARTHOLDY  
1809–1847

*Seis provérbios, Op. 79*  
1843–1846

1. No Advento
2. No Natal
3. No Dia do Ano Novo
4. No Tempo da Paixão
5. Na Sexta-Feira Santa
6. No Dia da Ascensão

10 minutos

RONALDO  
MIRANDA  
1948

*Belo belo* [Texto de Manuel Bandeira]  
1978  
5 minutos

CLARA  
SCHUMANN  
1819–1896

*Três coros mistos* [Textos de Emanuel Geibel]  
1848

1. Festa vespertina em Veneza
2. “Avante”
3. Gondoleira

11 minutos

MAX REGER  
1873–1916

*Der Einsiedler* [O eremita], *Op. 144a*  
[Texto de Joseph von Eichendorff]

1915

12 minutos

**Erick Souza** barítono

**Fernando Tomimura** piano

HEITOR  
VILLA-LOBOS  
1887–1959

*Duas lendas ameríndias em Nheengatu*

1952

1. O Jurupari e o menino

2. O Jurupari com o caçador

4 minutos

ERNANI  
AGUIAR  
1950

*Salmo 150*

1975

2 minutos

Há partituras para coro e orquestra de grandes proporções, como *Psalmus hungaricus*, de Zoltán Kodály, ou a *Sinfonia dos Salmos*, de Igor Stravinsky. Hoje, porém, o foco recai sobre o coro *a cappella* — um território em que a voz, sozinha, revela toda a sua potência expressiva.

Jean Berger nasceu Arthur Schlossberg, em uma família judia alemã, e adotou o nome francês ao se refugiar em Paris, fugindo do nazismo. Entre 1939 e 1941, viveu no Rio de Janeiro, onde lecionou e atuou como maestro assistente do Teatro Municipal. Ainda que breve, essa experiência brasileira parece ressoar em seu *Salmo brasileiro*. Cantada em português, a obra é atravessada por ritmos sincopados que evocam uma pulsação nacional, sobretudo no “Aleluia” final, vibrante e enérgico. Nesse mesmo universo dos Salmos — mas já em outra linguagem e em outro tempo —, *Dos Salmos*, escrita em 1999 pela paulista Denise Garcia, parte de trechos bíblicos selecionados pela própria compositora. Também em português, a obra constrói texturas vocais de delicada tensão, com dissonâncias sutis que expandem o campo expressivo do coro contemporâneo.

De origem judaica, Felix Mendelssohn foi batizado na religião luterana aos sete anos, em um contexto de tentativa de evitar o preconceito antisemita — o que ajuda a compreender a presença significativa de música sacra em seu catálogo. Seus *Seis provérbios*, Op. 79, foram escritos entre 1843 e 1846 para coro misto *a cappella*, a pedido do Coro da Catedral Real de Berlim, e se organizam segundo o ano litúrgico, começando pelo Advento. Os textos, retirados do Novo Testamento e dos Salmos, encontram na escrita polifônica e no uso refinado do contraponto uma sonoridade de grande densidade e elevação expressiva. Valendo-se não apenas de uma das mais duradouras formas de composição coral do Ocidente, a música polifônica, a obra homenageia também um dos gêneros mais representativos da polifonia do século XVI: o moteto.



**Polifonia** é a execução simultânea de várias linhas melódicas independentes. Em vez de uma única melodia acompanhada, cada voz percorre seu próprio caminho — e é justamente da combinação entre essas linhas que nasce a riqueza do todo. Muito presente na música coral desde a Idade Média e especialmente desenvolvida no Renascimento, a polifonia convida o ouvinte a uma escuta em camadas: ora seguimos uma voz, ora outra, percebendo como elas se entrelaçam, se imitam ou se contrastam. Em obras corais, esse jogo entre as vozes pode criar desde uma sensação de equilíbrio sereno até momentos de grande intensidade e complexidade sonora.

Se na tradição europeia o diálogo entre texto e música se estruturou em formas como o moteto, no Brasil do século XX essa relação se reinventou com liberdade e acento próprios. O poeta pernambucano Manuel Bandeira [1886–1968] foi um dos expoentes do modernismo brasileiro, e seu verso livre — ao mesmo tempo coloquial e musical — atraiu numerosos compositores, de Villa-Lobos a Ronaldo Miranda. Este, por encomenda do Instituto Nacional de Música da Funarte, compôs, em 1978, *Belo belo* para coro misto *a cappella*, a partir do segundo poema que Bandeira escreveu com esse título. A escrita vocal acompanha o ritmo vivo e rimado do texto, próximo ao da embolada, exigindo grande agilidade e precisão do coro. O resultado é uma peça de forte energia rítmica e brilho performático.



Originária do Nordeste, a embolada combina poesia improvisada, humor e virtuosismo verbal, quase sempre acompanhada por percussão. Em *Belo belo*, essa herança se traduz em rapidez, acentuação marcada e jogo sonoro entre as vozes. Leve com você alguns versos de Bandeira: “Quero quero tanta coisa/ Belo belo/ Mas basta de lero-lero/ Vida nove fora zero.” E não esqueça a indicação do compositor: “com animação”

A aproximação entre poesia e música também atravessa o romantismo europeu, onde a palavra poética encontrou novas formas de expressão através do coro. Em 5 de janeiro de 1848, Robert Schumann fundou a Sociedade de Música Coral de Dresden, incentivando a criação de repertório para coro misto — uma prática que também cativou sua esposa, Clara Schumann. Seus *Três coros mistos*, escritos como presente de aniversário para o marido, estrearam em 8 de junho de 1848. Sobre poemas do romântico Emanuel Geibel [1815–1884], as peças exploram diferentes atmosferas: a introspecção harmônica de “Festa vespertina em Veneza”, os impulsos rítmicos de “Avante” e a suavidade ondulante de “Gondoleira”, evocando o balanço de uma gôndola. Este último poema, aliás, inspirou mais de vinte compositores, incluindo o próprio Robert Schumann.

Clara foi uma das figuras mais notáveis da história da música. Já antes de seu casamento, em 1840, era reconhecida como pianista virtuose, admirada por seu domínio técnico e por um repertório ousado para a época, que incluía Chopin, Schumann e Brahms. Como compositora, deixou obras em diversos gêneros, incluindo música vocal.



Nesse mesmo universo germânico, a sensibilidade romântica segue explorando o encontro entre introspecção poética e densidade sonora. O poema “O eremita”, de Joseph von Eichendorff [1788–1857], com sua meditação sobre a solidão e o consolo da noite, foi amplamente musicado ao longo do século XIX. A versão de Max Reger, composta em 1915 e publicada postumamente, integra o ciclo de *Dois canções*, op. 144, para solista, coro misto e orquestra. Frequentemente associada à influência de *Tristão e Isolda*, de Wagner, a obra combina cromatismo intenso e uma atmosfera de suspensão emocional. Os versos “Trost der Welt” [consolo do mundo] reaparecem como um eco insistente, enquanto a música parece gradualmente se dissipar, deixando ao piano a expressão da inquietação interior do eremita.

Em contraste com essa atmosfera germânica, Heitor Villa-Lobos afirmou uma escuta voltada às tradições brasileiras. Em *Dois lendas ameríndias*, de 1952, o compositor recorre às narrativas reunidas por Barbosa Rodrigues em *Poranduba amazônica* [1890], utilizando o nheengatu, a língua geral amazônica. Escrita para coro misto *a cappella*, a obra revela traços característicos da linguagem de Villa-Lobos, como o uso de escalas pentatônicas e de sucessões de quartas paralelas — especialmente na primeira lenda, “Yurupari kurumĩ irumo” [O Jurupari e o menino] —, evocando um universo sonoro ligado às culturas originárias.

A energia rítmica e o vínculo com a oralidade de Villa-Lobos encontram continuidade transfigurada em outros compositores brasileiros do século XX, como Ernani Aguiar. Seu *Salmo 150*, composto em 1975, parte do texto que celebra o louvor a Deus por meio do som — trombetas, saltérios, cítaras, tamborins, cordas, órgãos e címbalos. A escrita é incisiva e vibrante, exigindo grande precisão articulatória do coro. Estreada pelo Coral Municipal de Petrópolis, sob regência do próprio compositor, em 26 de junho de 1976, a obra se tornou um dos grandes clássicos do repertório coral *a cappella* brasileiro.



Dezenas de povos indígenas passam de geração a geração o mito do Jurupari: filho de Ceuci – que engravidou após comer um fruto que era proibido às mulheres em seu período fértil –, e enviado do deus Sol, Guaraci, veio à terra como legislador, para reformar os costumes dos homens. É certo que os jesuítas entraram em contato com o mito de Jurupari logo que começaram o processo de aculturação dos indígenas, reinterpretando-o à sua maneira para facilitar a conversão ao catolicismo. Cartas de José de Anchieta por volta de 1560 descrevem o Jurupari como um “demônio dos sonhos” que amedrontaria os indígenas, que em breve se veriam forçados a cantar os Salmos.

E assim, entre diferentes tempos, línguas e modos de cantar, o coro se afirma como espaço de escuta: um lugar em que as vozes, ao se entrelaçarem, transformam som em experiência compartilhada.

**Marco Aurélio Scarpinella Bueno**

Médico pneumologista e doutor em medicina pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina, é autor, entre outros livros, de *Shnittke: música para todos os tempos*.



## Coro da Osesp

O Coro da Osesp, além de sua versátil atuação sinfônica, enfatiza o registro e a difusão da música dos séculos XX e XXI e de compositores brasileiros. Destacam-se em sua ampla discografia *Canções do Brasil* (Biscoito Fino, 2010), *Aylton Escobar: Obras para coro* (Selo Digital Osesp, 2013) e *Heitor Villa-Lobos: Choral transcriptions* (Naxos, 2019). Apresentou-se em 2006 para o rei da Espanha, Filipe VI, em Oviedo, no 25º Prêmio da Fundação Príncipe de Astúrias. Em 2020, cantou, sob a batuta de Marin Alsop, no Concerto de Abertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, feito repetido em 2021, em filme virtual que trazia também Yo-Yo Ma e artistas de sete países. Junto à Osesp, estreou no Carnegie Hall, em Nova York, em 2022, se apresentando na série oficial de assinatura da casa no elogiado *Floresta Villa-Lobos*. Fundado em 1994 por Aylton Escobar, integra a Osesp desde 2000, completando 30 anos de atividade em 2024. Teve como regentes Naomi Munakata [1995-2015] e Valentina Peleggi [2017-2019]. A partir de fevereiro de 2025, Thomas Blunt assume a posição de regente titular e, desde abril, Kaique Stumpf a de regente residente.



**Thomas Blunt**  
regente

Thomas Blunt construiu uma carreira versátil e abrangente, com sólida formação em canto e ópera, regendo em teatros e salas de concerto ao redor do mundo. Com um repertório que vai da música renascentista à contemporânea, sua regência se estabelece a partir da ideia de criação de uma dramaturgia por meio da música. Foi o primeiro participante britânico da prestigiosa Allianz International Conductors' Academy. Atuou como regente assistente junto a Vladimir Jorowski, diretor musical da Filarmônica de Londres, resultando em apresentações no Royal Festival Hall, no Queen Elizabeth Hall e na própria Sala São Paulo em diversas ocasiões. Junto a seus compromissos com o Coro da Osesp, do qual passou a ser regente titular a partir de 2025, seus destaques desta temporada incluem apresentações com a Orquestra Nacional da BBC de Wales, a Sinfônica da Nova Zelândia, além da atuação como assistente de Maurizio Benini na Royal Opera House.

## Coro da Osesp

### Regente Titular

Thomas Blunt

### Regente Residente

Kaique Stumpf

### Sopranos

Anna Carolina Moura

Chiara Guttieri\*

Eliane Chagas

Erika Muniz

Fernanda Ribeiro

Flávia Kele de Sousa

Giulia Moura

Laura Duarte

Marina Pereira

Natália Áurea

Pollyana Santana\*

Regiane Martinez **monitora**

Roxana Kostka

Valquíria Gomes

### Mezcos e contraltos

Ana Ganzert

Cely Kozuki

Clarissa Cabral

Cristiane Minczuk

Fabiana Portas

Léa Lacerda

Maria Angélica Leutwiler

Maria Raquel Gaboardi

Mariana Valença

Mônica Weber Bronzati

Patrícia Nacle

Silvana Romani

Solange Ferreira

Vesna Bankovic **monitora**

### Tenores

Anderson Luiz de Sousa

Ernani Mathias Rosa

Fábio Vianna Peres

Jabez Lima

Jocelyn Marocco

Luiz Eduardo Guimarães

Mikael Coutinho

Odorico Ramos

Paulo Cerqueira **monitor**

Rúben Araújo

Wiliam Manoel\*

### Barítonos e baixos

Aldo Duarte

Erick Souza **monitor**

Fernando Coutinho Ramos

Flavio Borges

Francisco Meira

Guilherme Gimenes\*

Israel Mascarenhas

João Vitor Ladeira

Laercio Resende

Leonardo Marques\*

Moisés Téssalo

Sabah Teixeira

### Pianista Correpetidor

Fernando Tomimura

### \* Convidado

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

## Governo do Estado de São Paulo

### Governador

Tarcísio de Freitas

### Vice-governador

Felício Ramuth

## Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

### Secretária de Estado

Marília Marton

### Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

### Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

### Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

### Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

### Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

### Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

### Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Conheça toda a equipe em:

[fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre](https://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)

## Fundação Osesp

### Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

### Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

### Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso

### presidente

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

### Presidente e CEO

Marcelo Lopes

### Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

### Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

### Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:

[fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre](https://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)

## Próximos concertos

26 DE ABRIL DE 2026

### **Câmara: Clara, Robert e Johannes**

O concerto de câmara revisita a relação entre Brahms e o casal Schumann, marcada por admiração, tragédia e um amor não realizado por Clara – uma das histórias mais emblemáticas do romantismo musical.

30 DE ABRIL, 1 E 2 DE MAIO DE 2026

### **O milagre de Mendelssohn e o Pássaro de Fogo de Stravinsky**

Passando pela *Sinfonia nº 1*, composta por Felix Mendelssohn quando ele tinha quinze anos, o concerto culmina em uma obra de Andrew Norman, em estreia mundial e composta especialmente para o trombonista Jörgen van Rijen. O programa se encerra com o famoso e adorado balé de Stravinsky.



Agenda completa  
e ingressos

## Primeira vez na Estação Motiva Cultural? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

O silêncio permite a escuta até das pequenas nuances da música de concerto: desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe comentários para o intervalo entre as obras ou para o final. Por favor, não filme ou fotografe durante a performance: a singularidade de cada concerto é uma das belezas das apresentações.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

## Acesso à Estação Motiva Cultural

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento.

O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.


No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.


Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da CPTM.




Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: [salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja](https://salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja)

www.osesp.art.br


 @osesp\_

 /osesp


 /videososesp


 @osesp

#### escute a osep

 spotify


 apple music

 deezer


 amazon music


 idagio

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo\_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

#### escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

#### Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osep  
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

#### Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Igor Reis Reyner [colaborador externo] **revisão crítica**

#### Imagens

**P. 6** Iluminura de manuscrito com a Assunção da Virgem em inicial “G”, de um gradual. Atribuída a Cosmè Tura (Cosimo di Domenico di Bonaventura) [c. 1433–1495], c. 1450–1460. Rogers Fund, 1911. ©Metropolitan Museum of Art

**P. 7** Manuel Bandeira, 1966. ©Arquivo Nacional

**P. 8** Clara Schumann (Clara Wieck-Schumann), c. 1839. Litografia de Andreas Staub. ©Peter Geymayer

**P. 10** A passagem de um rio pelos indígenas Guaicurus. [s.l.: s.n.], [século XVIII]. Desenho a nanquim, p&b, 31,5 × 20,0 cm (folha: 34,0 × 25,0 cm). ©Biblioteca Nacional do Brasil

**P. 11** Coro da Osep. ©Mario Daloia

**P. 12** Thomas Blunt. ©Mario Daloia



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.



**Lei Rouanet**



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



**Estação Motiva Cultural**

REALIZAÇÃO

**FUNDAÇÃO OSESP**  
Organização Social de Cultura



**SÃO PAULO**

GOVERNO DO ESTADO  
SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO